arte

Paul

Cézanne

LEILA KIYOMURA

ATÍLIO AVANCINI

CARMEN S. G. ARANHA

AS CORES DE UMA VIDA SOB A MONTANHA DE SANTA VITÓRIA

Texto *Leila Kiyomura* Fotos *Atílio Avancini*

Manhã de 30 de dezembro de 2011...

As folhas das árvores vão filtrando o sol das 9 horas. A luz do inverno se espalha devagar no ateliê que o próprio Paul Cézanne projetou. O voo dos pássaros, o jardim e o céu se integram através de uma grande vidraça. É o quadro que torna visível o sonho do pintor: a parceria infinita com a natureza.

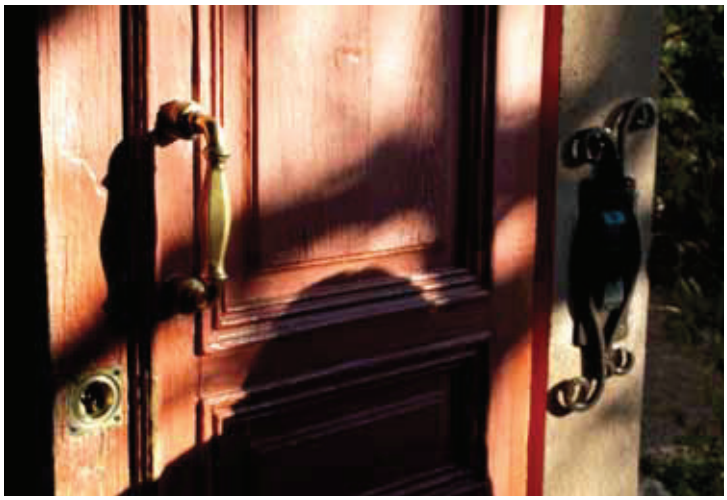
Os passos dos visitantes no assoalho de madeira – cerca de 70 mil por ano vindos de todos os cantos do mundo – quebram o silêncio do artista. O chapéu de feltro, o casaco de lã e o cajado estão ali para lembrar os passos do artista até a Montanha de Santa Vitória. Altiva. Com seu cume prata, foi contemplada por Cézanne até o último desenho de sua vida. Paisagem que perseguiu em todas as cores, em todas as formas. Apesar de estar em 44 pinturas a óleo e 43 aquarelas, continuou inalcançável. Inatingível até se diluir quase invisível nos desenhos esboçados poucos meses antes de sua morte. Viveu a grande montanha como um sonho.

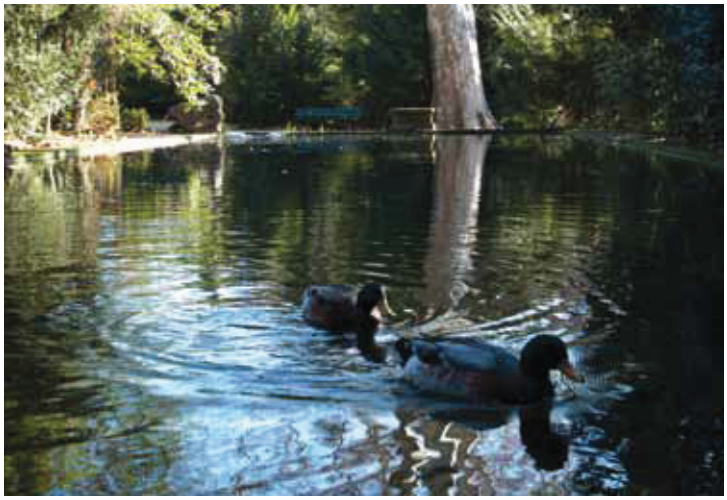
É essa existência que está na atmosfera do ateliê preservado pela Secretaria de Turismo de Aix-en-Provence, sua cidade natal, no sul da França. Uma casa assobradada de cem metros quadrados onde o pintor trabalhou nos últimos anos de sua vida, de 1902 a

LEILA KIYOMURA
é jornalista do *Jornal da USP*, coautora de *Ateliês Brasil – Artistas Contemporâneos* de São Paulo (Empresa das Artes) , e Claudio Tozzi (Edusp), É aluna de pós-graduação do Programa Interunidades de Estética e História da Arte da USP.

ATÍLIO AVANCINI
é fotógrafo, professor da ECA-USP e autor de *Atílio Avancini – Coleção Artistas da USP* (Edusp) e *Entre Gueixas e Samurais* (Edusp/Imprensa Oficial). Desenvolve pós-doutorado na Université Sorbonne Nouvelle – Paris 3 com bolsa de pesquisa no exterior Fapesp.

A grande janela do ateliê foi projetada especialmente por Cézanne. Um quadro vivo com o voo dos pássaros, o jardim, o céu e a integração com a luz e a natureza que o artista tanto buscou





A escultura de Cézanne está na praça central de Aix-en-Provence para lembrar os seus passos pela cidade. Os jardins da casa de veraneio, Jas de Bouffan, continuam preservados com seus lagos e castanheiras

1906. Fica no canto de um jardim de 7 mil metros quadrados entre oliveiras, figueiras e castanheiras. Hoje a rua tem o nome do artista! Avenue Paul Cézanne.

A diretora Dominique Cornillet faz questão de avisar que lá não é um museu. "Não esperem encontrar nada além do próprio Cézanne." Gentil, recepciona os jornalistas da USP, permitindo visitar e fotografar o ateliê bem cedo, antes de ser aberto para o público. E orienta: "Para compreender as cores e a natureza do artista é preciso conhecer Jas de Bouffan, onde está a casa de veraneio de sua família. Também é preciso percorrer os caminhos de Bibémus. São lugares que marcaram a vida e a arte de Cézanne".

Foi nesse ateliê, entre a grande montanha e a cidade de Aix, que Cézanne conseguiu terminar, depois de sete anos, *As Grandes Banhistas,* série que se tornou referência para os pintores modernos. Daí a afirmação de Pablo Picasso e Henri Matisse: "Cézanne é o pai de todos nós".

O pé-direito de 6 metros, o espaço generoso para a circulação – 50 metros quadrados –, o cavalete reforçado, a escada de madeira que alcança o teto. E uma fresta vertical em um canto escondido na parede, fechada por uma portinhola de ferro, por onde telas de mais de 2 metros pudessem passar e ser transportadas pelo jardim afora. Detalhes da construção – também obra de Cézanne – evidenciam a intenção do pintor em se dedicar à série, criando condições técnicas para povoar o espaço com as banhistas.

AS GRANDES BANHISTAS

São "mulheres" nuas que se fundem na natureza. Transcendem ao lirismo, ao poético. Algumas têm as formas arredondadas das nuvens. As que estão em pé, recostadas nas árvores, se integram nos troncos e galhos. Nas aquarelas, o pintor já tinha buscado a imagem das banhistas através do movimento e das cores. Fazem lembrar a fusão de cores das pedras de Carrières de Bibémus, lugar para onde se retirava para pintar e contemplar a montanha de Santa Vitória. O pintor conseguiu que a pele das banhistas refletisse o branco das nuvens, o azul do céu, o verde das árvores, o amarelo do chão. Não são cores. São tons sob o vento e o sol dos caminhos de Bibémus e sob a luz e a sombra das castanheiras de Jas de Bouffan.

Cézanne demorou para equacionar essa série, que terminou pouco antes de morrer. Tinha despido as mulheres com erotismo, sensualidade no decorrer de quatro décadas. Até alcançar a leveza, a transparência e o ser inu-

No ateliê, o visitante pode ver os vasos, fruteiras e até as maçãs pintadas em dezenas de quadros

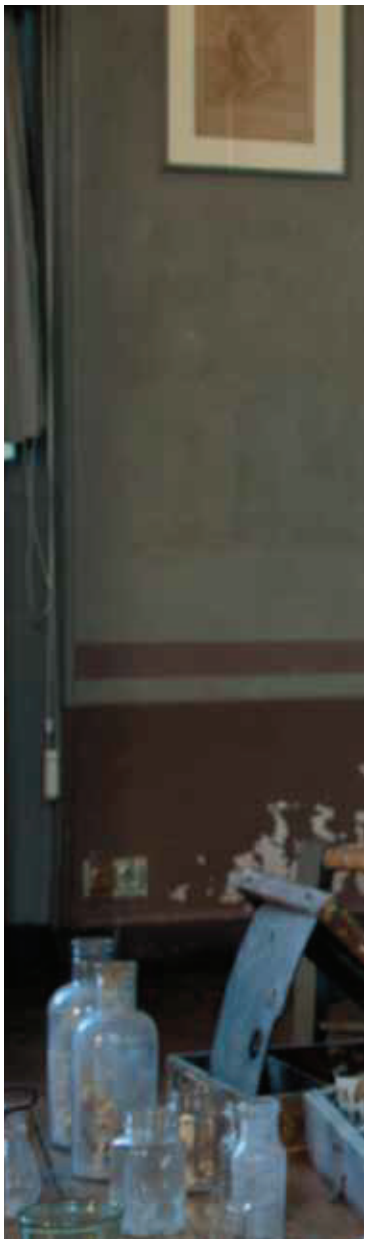
Imagens: reprodução

mano das grandes banhistas da última série, trilhou um embate de cores, formas, conceitos e preconceitos. Afastou-se dos poucos amigos, da mulher, Marie Hortense, do único filho, Paul. E ficou confinado em seu ateliê, mergulhado em suas próprias indagações, experiências, percepções. Em busca de um fragmento do instante que o levaria ao gesto do desenho.

A opção pela solidão para se acompanhar da plenitude da arte já não bastava. Cézanne parecia mergulhar no vazio. Mas não. Ele buscava a ausência. Queria sentir a vida e o mundo na sua origem. Antes do homem. Deixou as sensações fluírem em cores. Tons. Percepções que só levava para a tela depois de filtrá-las em um turbilhão de pensamentos.

Aos 67 anos de idade, um mês antes de morrer, Cézanne escreveu: "Encontro-me em tal estado de perturbações cerebrais, numa perturbação tão grande, que temo, a qualquer momento, que minha frágil razão me abandone…".

Cézanne posa para a foto tirada pelo pintor Émile Bernard em 1904. Estava feliz na frente do quadro As Grandes Banhistas, *que conseguiu terminar depois de sete anos*



Cézanne questionava se a sua pintura não resultava de um distúrbio dos olhos e se a sua vida não estava apoiada em um acidente do corpo. Pintava não como via. Mas como percebia. Daí ter projetado o ateliê para que a sua arte pudesse habitar e recepcionar o sol. Rastreou a luz e a sombra em todas as suas nuances.

O grande vitral é face norte. Como a França está no Hemisfério Norte é, portanto, a face menos luminosa. Ou seja, o pintor trabalhava com iluminação indireta, menos dura e mais espalhada. A luz do sol, na verdade, entra por duas janelas face sul, atravessando devagar o ambiente e envolvendo os objetos em uma fusão de cores. (As fotos de Atílio Avancini, nestas páginas, buscam rastrear a luz e os efeitos do visível no espaço.) Interessante também é a cor cinza que Cézanne escolheu para as paredes. Paul Klee dizia que, se dispusermos as seis cores básicas em pontos de um círculo, em seu centro estará a neutralidade da cor cinza.

Dessa parceria com a luz, foram nascendo as grandes banhistas. É o reencontro do pintor com a figura feminina. Cézanne transforma as mulheres em seres que povoam as florestas. E os sonhos. Transcendem

A sensação do visitante ao ver as roupas de Cézanne com as manchas das cores de seus quadros, os pincéis, as tintas, o cavalete é a de que o artista está por ali questionando os mesmos sonhos, a mesma natureza. Como bem lembrava o filósofo Merleau-Ponty, "a sua pintura foi seu mundo e sua maneira de existir"

ao visível e ao próprio quadro. Compõem o campo de pensamento para a arte moderna.

TEXTURA DE UMA VIDA

A inquietação era tanta que Paul Cézanne, nos últimos anos de sua vida, mal conseguia dormir. Saía de seu apartamento na Rua Boulegon para caminhar devagar. Chegava ao ateliê antes do dia nascer. E parava de trabalhar com o sol se pondo.

O filósofo Maurice Merleau-Ponty, estudioso da vida e da obra de Cézanne, assinala a exigência do artista sobre o próprio trabalho. "Eram-lhe necessárias cem sessões para uma natureza-morta, cento e cinquenta de pose para um retrato. O que chamamos sua obra não era, para ele, senão o ensaio e a aproximação de sua pintura."

Merleau-Ponty conta que o pintor mergulhava dentro de si. Ficava em silêncio meditando dias e dias. Quando começava a pintar era porque, como o próprio artista dizia, tinha conseguido agarrar o seu motivo. "Atacava o quadro por todos os lados ao mesmo tempo, cercava com manchas coloridas o primeiro traço de carvão, o esqueleto geológico." E observa: "Para esse pintor, há um

A textura da vida e arte está presente no ateliê. Uma obra inacabada que continua aliando o visível e o invisível, o imaginário e a realidade. Cézanne meditava dias e dias, mergulhava no mundo silencioso de sua arte até encontrar o motivo que o levaria ao gesto do desenho

só sentimento de estranheza, um só lirismo: a existência sempre recomeçada".

A textura da arte e da vida está no ateliê. Como bem lembra a filósofa e historiadora Marilena Chaui, a obra de arte e a existência se comunicam e são uma só aventura. "A obra revela o sentido metafísico da vida: não é destino, nem absurdo. Mas uma possibilidade geral para todo aquele que enfrenta o enigma da expressão."

O visitante tem a oportunidade de se deparar com os objetos retratados em seus quadros. Os três crânios estão juntos como na tela pintada entre 1898 e 1900. Foram dispostos sobre uma cômoda. As maçãs artificiais e a toalha branca ficam sobre a cadeira…

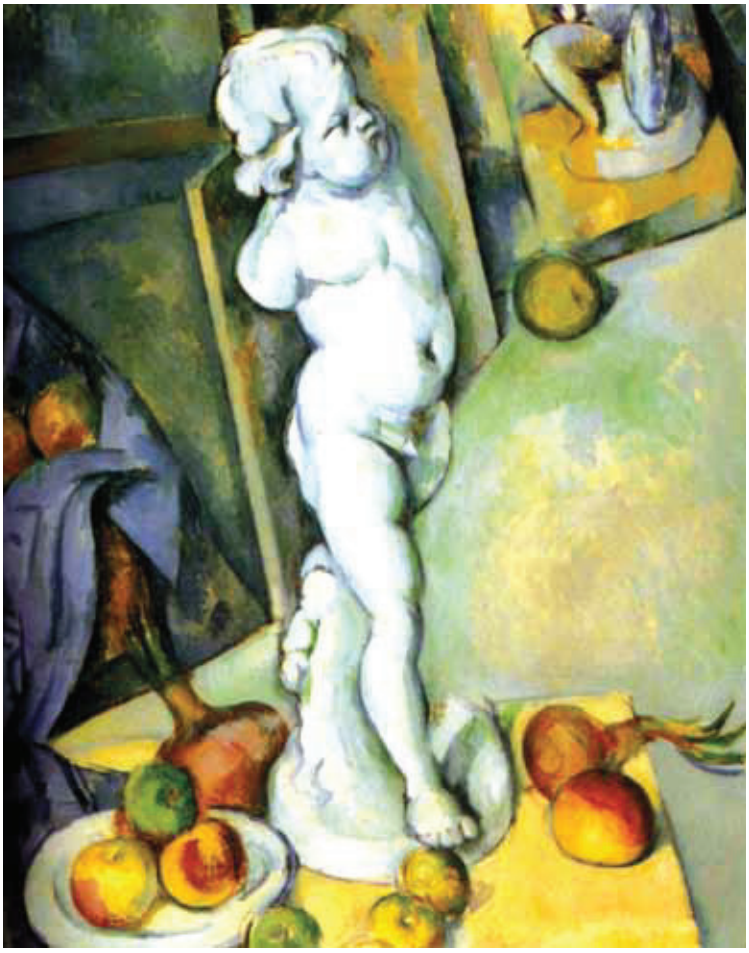
Lá estão o pote de gengibre, a garrafa de rum, os pratos, cestos, bules que se eternizaram em suas naturezas-mortas. O cachimbo que esteve em telas como *Os Jogadores de Cartas* (1893-96) também está na prateleira. São objetos que habitaram os quadros do artista, fizeram a ponte entre a realidade e o imaginário do pintor. Hoje, eles continuam exalando a atmosfera da arte. Uma arte inacabada. Como a busca sem fim do artista.

A mochila, o guarda-chuva que Cézanne carregava nas costas, as banquetas e cadei-

A luz entra por duas janelas na face sul, atravessa devagar o ambiente envolvendo os objetos em uma fusão de cores. Em cada canto, há o jogo de luz e sombra lembrando os quadros do artista

Nos caminhos de Bibémus, o pintor tinha a múltipla visão da Montanha de Santa Vitória, que reproduziu em 44 pinturas e 43 aquarelas

Natureza Morta *(1888 -1890): o pote de gengibre de cerâmica trançado com corda continua intocável nas prateleiras*



Natureza Morta com o Amor em Gesso *(1895): a estatueta inspirou o artista em uma série de pinturas e aquarelas*

Os Três Crânios *(1898-1900) continuam sobre a mesa, dispostos do mesmo jeito que Cézanne pintou*

Imagens: reprodução

ras com assento de corda trançada, a caixa com as bisnagas de tinta, as paletas estão ali testemunhando uma história de impressões e sensações. Os visitantes mais atentos vão percebendo o mundo que o pintor transformou em arte.

Quando Cézanne morreu, no dia 27 de outubro de 1906 – após ter contraído uma pneumonia, quando pintava no campo sob uma forte chuva –, o ateliê ficou fechado durante quinze anos. Permaneceu intacto. Mas seu filho Paul decidiu vendê-lo em 1921 para Marcel Provence. Amante das artes, ele fez questão de preservá-lo como Cézanne o deixou. Em 1951, Marcel morre e o imóvel é novamente colocado à venda. O historiador de arte John Rewald decide juntar um grupo de 114 americanos apreciadores da obra do artista para comprar e preservar o ateliê. Fundam, em 1952, o Cézanne Memorial Comitée e resolvem doar o ateliê para a Universidade d'Aix-Marseille para que sua obra pudesse ser estudada pelos jovens alunos de arte. Em 1969, o espaço passa a ser um patrimônio da prefeitura de Aix. Porém, só é reaberto ao público em 2006, no centenário da morte do artista.

Graças aos admiradores da obra de Cézanne, é possível rever o espaço onde o artista viveu os seus últimos cinco anos. O ângulo da sala onde posou, em 1904, para a foto célebre tirada pelo pintor Emile Bernard, que, naquele ano, foi visitá-lo por um mês. Ele parecia satisfeito junto do quadro *As Grandes Banhistas*. Está sentado em um banco com as pernas cruzadas, quase sorrindo. O casaco preto do retrato encontra-se no ateliê, com as mesmas manchas de tinta e a falta de um dos botões.

A aquarela O Cântaro Verde *(1885-1887) está representada, no ateliê, pelo próprio utensílio*

Através da grande vidraça do ateliê, o quadro que Cézanne não pintou. Mas tornou visível. O canto dos pássaros, o movimento das árvores e a impressão de cores no ar espiam o visitante. Uma obra que se transforma na primavera, no verão, no outono, no inverno. É a janela que o artista deixou para o futuro. Uma experiência para a arte moderna. O ser e a natureza.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Carmen S. G. *Exercícios do Olhar: Conhecimento e Visualidade*. São Paulo, Unesp/Funarte, 2008.

CHAUI, Marilena. *Experiência do Pensamento: Ensaios sobre a Obra de Merleau Ponty*. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

COUTAGNE, Denis. *Cézanne et Paris*. Paris, Musée du Luxembourg, 2011.

FRAISSET, Michel. *Atelier de Cézanne*. Aix-em-Provence, Editions aux arts etc., 2011.

MERLEAU- PONTY, Maurice. "A Dúvida de Cézanne", in *O Olho e o Espírito*. Trad. Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo, CosacNaify, 2004.